



A GUERREIRA DE  
MONTERUM

NATHALIA S. HARRI

A GUERREIRA DE  
MONTERUM  
NATHAILA S. HARRI

A Guerreira  
de Monterúm

Nathalia Scacciotto Harri

**1ª edição, 2021**  
**[www.nathaliasharri.com](http://www.nathaliasharri.com)**

Capa: Fernanda Fernandez

Revisão: Júlia de Macedo

Diagramação: Imaginare Diagramações

Copyright © **2021** de **Nathalia Scacciotto Harri**

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.

# Sumário

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Capítulo 40  
Capítulo 41  
Capítulo 42  
Capítulo 43  
Capítulo 44  
Capítulo 45  
Capítulo 46  
Capítulo 47  
Capítulo 48  
Capítulo 49  
Capítulo 50  
Capítulo 51  
Capítulo 52  
Capítulo 53  
Capítulo 54  
Capítulo 55  
Capítulo 56  
Capítulo 57  
Capítulo 58  
Capítulo 59  
Capítulo 60  
Capítulo 61  
Capítulo 62  
Capítulo 63  
Capítulo 64

Capítulo 65  
Capítulo 66  
Capítulo 67  
Capítulo 68  
Capítulo 69  
Capítulo 70  
Capítulo 71  
Capítulo 72  
Capítulo 73  
Capítulo 74  
Capítulo 75  
Capítulo 76  
Capítulo 77  
Capítulo 78  
Capítulo 79  
Capítulo 80  
Capítulo 81  
Capítulo 82  
Capítulo 83  
Capítulo 84  
Capítulo 85  
Capítulo 86  
Capítulo 87  
Capítulo 88  
Capítulo 89  
Capítulo 90  
Capítulo 91  
Capítulo 92  
Capítulo 93  
Capítulo 94  
Capítulo 95  
Capítulo 96  
Capítulo 97  
Capítulo 98  
Capítulo 99  
Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Capítulo 116

Capítulo 117

Agradecimientos









Em um mundo onde diversos reinos procuravam coexistir em harmonia, buscando meios de deixar as desavenças de lado e incentivar alianças a inimizadas, Monterúm, um reino vampiro milenar, se destacava por sua influência.

Aquele era o maior reino vampiro que existia, e, apesar de ao longo dos séculos seus reis tentarem oferecer plena serenidade a seus habitantes, um mergulho antigo na conquista de seu território os afogou em uma inimizade que perdurou por gerações, continuando forte até aqueles dias. Apesar da busca pela paz, eram profundamente atormentados por um conflito infindo com Lúparo, o reino dos lobisomens.

O atual governante de Monterúm, Sagni, já prosperava no trono há um milênio, representando a quinta geração de sua família, uma das linhagens de vampiros mais

antigas daquele mundo. Por estar no trono há tanto tempo, era profundamente respeitado por seu povo, que sempre viu a paixão de seu rei pelo reino.

Ele era um vampiro puro-sangue, porém, o último vivo de sua linhagem e sem herdeiros, pois não havia encontrado uma esposa adequada para ajudá-lo a governar seu reino. Não que estivesse realmente procurando por uma, gostava da liberdade proporcionada pela falta de compromisso.

Por mil anos ele liderou Monterúm sozinho, e por mais que um dos condes insistisse que era hora de arranjar uma rainha e continuar sua genealogia, seu foco mantinha-se em suas conquistas. O rei não estava à procura de uma esposa, e, depois de tanto tempo sozinho, não via quais vantagens teria em arranjar uma.

O reino estava sempre em constante movimento, uma aliança com elfos garantia proteção mesmo durante o dia, não abrindo espaço para fragilidades desnecessárias. À noite ocorria uma troca, e os vampiros assumiam a guarda de toda a área, mantendo um ciclo que permitia tranquilidade a todos os habitantes.

Dentro da muralha de Monterúm era proibido caçar. Porém, existiam clubes espalhados onde moradores e viajantes podiam oferecer seu sangue aos vampiros, desde que nenhuma morte fosse causada. Apesar de alguns considerarem a ideia estranha, havia muitos interessados em experimentar o prazer que a mordida de um vampiro podia oferecer, o que garantia o sucesso dos estabelecimentos.

O reino tinha uma extensão circular, o castelo se encontrava bem no centro e, apesar de não apresentar uma topografia acidentada, uma elevação de cem metros foi criada e permitia, assim, visão plena dos arredores da cidade. Para que houvesse uma segurança mais fortificada, havia somente um acesso para a morada do rei, uma

longa rampa altamente vigiada, a qual somente subiam aqueles que tinham permissão.

Apesar de sua maioria vampira, Monterúm tinha uma população mista. Os elfos eram a segunda maior raça a habitar suas terras, porém também havia várias outras, de humanos a transmorfos.

O conhecimento de um artefato místico, que prometia mergulhar um local na escuridão noturna, chegou até Sagni poucos séculos depois de iniciar seu reinado, o que o fez sair à sua procura de imediato. Ele desejava colocar as mãos nas Relíquias da Escuridão para oferecer um reino ainda mais seguro para a população principal de Monterúm, já que vampiros transformados não podiam se expor à luz do sol, e não poupou esforços para que as conseguisse.

O rei havia criado grupos de caçadores no reino, deixando-os nas mãos dos condes para que recebessem os melhores treinamentos, almejando bons resultados. E, apesar das falhas sempre abalarem sua empolgação, se recusava a desistir. Constantemente enviava vários grupos a locais diferentes em busca dos itens, tendo como referência os desenhos do livro em que descobriu sua existência.

O livro de artefatos místicos mostrava um item de ferro montável com três partes distintas, e, para que funcionasse corretamente, pinos de ferro deveriam ser colocados no limite ao qual a relíquia deveria funcionar. Todos aqueles detalhes eram para que uma área de influência fosse criada, os itens de ferro designariam uma área delimitada por onde o negrume se espalharia e permaneceria, criando uma noite sem fim.

Depois de séculos procurando, um de seus grupos de caça retornou com um item redondo em mãos, apresentando ao rei uma das partes da relíquia pela qual tanto procuravam.

— Majestade — cumprimentou uma das caçadoras, Merline. — Acreditamos ter encontrado uma das relíquias.

O rei se levantou de seu trono esperançoso e foi até a vampira, os olhos brilhavam enquanto caminhava até ela para pegar o item em suas próprias mãos. Podia ser somente um de três, porém já era mais do que tinham antes.

— Muito bem, Merline — cumprimentou ele. — Vocês fizeram um ótimo trabalho. Devem descansar agora e merecidamente tirar algumas noites de folga.

— Agradecemos, Majestade — disse ela, fazendo uma reverência e sendo copiada pelos outros três membros do grupo.

Os caçadores se foram e deixaram o rei observando o artefato, que tinha aproximadamente trinta centímetros de diâmetro e era todo vazado, como se fosse um símbolo.

— Olgton — chamou ele. — Coloque esse artefato no salão de relíquias, mas não o quero à vista. Sua proteção deve ser constante.

— Sim, Majestade.

O comandante, um vampiro alto e musculoso, com uma pele escura como a noite e olhos amendoados, pegou o item e fez uma reverência para o rei, saindo rapidamente do salão principal e seguindo acompanhado até o grande quarto de relíquias. Aumentaria sua guarda e teria sempre dois guerreiros do lado de dentro

fazendo uma ronda constante, pois aquele era um dos maiores bens que guardavam ali.

— Balmore, quero três novos grupos de caça seguindo para caminhos diferentes, atrás das outras duas partes. Se não encontrarem nada dentro de trinta luas, devem retornar.

— Majestade, trinta luas não é um tempo muito longo?

— É um tempo bastante razoável, não vejo problemas com ele.

Balmore, o conde vampiro do reino e responsável pelos caçadores vampiros, assentiu e foi para a cidade montar novos grupos de caça; era até mesmo esperado que encontrar uma das partes da relíquia deixaria o rei cheio de expectativas. Aquele, em sua opinião, era um ponto positivo, visto que era sempre mais fácil dialogar com o governante de Monterúm quando estava de bom humor. Talvez devesse aproveitar aquele momento para, mais uma vez, citar a importância de Sagni encontrar uma rainha.

Assim que Balmore se foi, Sagni chamou Ritnir, o conde elfo do reino, aquele que mantinha o acordo entre as duas raças.

— Ritnir, quero também três grupos de elfos seguindo para caminhos diferentes dos vampiros. Mantemos o retorno em até trinta luas.

— Como desejar, Majestade.

Sagni ficou observando o elfo saindo do castelo e foi para o salão das relíquias, estava mais confiante do que nunca de que conseguiria retirar a preocupação dos vampiros com o sol pelo menos em suas casas, não tinha dúvidas de que a qualidade de vida de todos melhoraria. Aqueles que quisessem ver o sol poderiam fazê-lo indo

para o lado de fora da muralha durante o dia, não estariam eternamente privados daquele que iluminava suas manhãs, porém o coração do reino estaria muito mais protegido.

E já não seria sem tempo.



O sol ameaçava nascer no horizonte e mandava a mesma mensagem de todos os dias aos vampiros, fazendo com que se recolhessem e dessem a guarda para os elfos. Era o momento em que podiam descansar, e, enquanto isso, as criaturas de orelhas pontudas garantiam que tudo permanecesse em paz.

O castelo era totalmente fechado ao mínimo sinal do sol, pois dentro dele os vampiros continuavam encarregados da segurança. A resistência que tinham, assim como uma necessidade inferior de descanso, os mantinha responsáveis pela área interna.

Todas as manhãs o rei assistia ao nascer do sol no horizonte da sacada de seu quarto, e por mais que não simpatizasse com o desconforto que o astro lhe causava, o achava bonito. O momento em que banhava aquelas terras era sempre memorável, e fazia questão de não perder o espetáculo.



Sagni curtia sua realidade de sangue-puro, ela lhe permitia expor a pele ao sol. Não era necessário que fugisse dele, não lhe fazia nenhum mal, e também por isso fazia questão de observá-lo; sabia que muitos não podiam mais fazê-lo, apesar de não mudar o profundo desejo que tinham de, mais uma vez, desfrutar da conexão com a estrela.

Aquele pequeno momento lhe dava uma sensação de normalidade excepcional, e ele se permitia esquecer por um instante que era rei do maior reino vampiro daquele mundo e somente gozava de algo simples como o nascer do sol.

Ali ele podia se sentir um pouco mais comum.



O castelo mergulhou em um silêncio profundo quando foi completamente fechado, e isso era tudo o que ela estava esperando. Aquele era o momento perfeito para colocar seu plano em prática.

Vestida com uma armadura da guarda do reino, ela se esgueirava cautelosamente pelo castelo. Sabia que mesmo debaixo daquele disfarce seria descoberta caso a vissem, era mais uma precaução do que qualquer outra coisa, por isso era necessário que se mantivesse vigilante.

Chegou até o local onde queria sem ser descoberta e entrou rapidamente, sem fazer o menor barulho, mas, assim que fechou a porta, sentiu olhos em si. Praguejou imediatamente pela falta de cuidado, às vezes parecia uma iniciante naquela vida.

Garissa se virou e observou os dois guardas com grande cautela, e se preparou assim que os viu levando as mãos às espadas. Não permitiria que ficassem em seu caminho. Com um movimento rápido, ela pegou uma adaga e lançou na direção do mais distante, acertando-o diretamente no pescoço. Imediatamente correu até o outro e trocou alguns golpes com ele. Era muito bem treinada em combate, o que fez com que não fosse muito difícil fincar uma adaga em seu pescoço e atravessar a espada em seu coração, vendo-o se transformar em cinzas na sua frente.

Ela caminhou até o outro vampiro, que estava desacordado, e, com a mesma adaga que havia acertado em seu pescoço, golpeou seu coração. Viu também seu corpo se transformar em cinzas, abrindo um largo sorriso em seguida.

— Para a guarda de um reino tão influente, não são nada bons — comentou consigo mesma.

Guardou as adagas depois de limpá-las e começou a procurar o motivo para estar ali, havia seguido os caçadores e os viu com a relíquia da escuridão, aquilo que havia recebido um belo pagamento para roubar. O melhor era pensar que receberia o dobro do ouro oferecido após fazer sua entrega. Ficava empolgada só de pensar.

Não perdeu tempo vasculhando o salão, ele tinha dois andares e seria um grande desperdício, fora que daria mais chances para que fosse descoberta. Ela deixaria seu instinto lhe dizer onde estava o que tanto desejava, e ele nunca havia falhado com ela.

Fechou os olhos e se deixou guiar, dava alguns passos para frente, outros para trás, mas pouco a pouco ia se acertando com o que seu instinto ia lhe dizendo.

Acabou cara a cara com um grande móvel, que tinha várias gavetas e devia ter cerca de dois metros e meio de altura.

Ela começou a abrir cada uma de suas gavetas, até que chegou à última, onde o ferro brilhou com a iluminação das velas. Esticou a mão e pegou a parte do meio da relíquia montável, e um sorriso se abriu em seu rosto. Observou o objeto com muita cautela, era possível sentir a magia emanando dele, o que não deixava dúvidas de que era o item correto.

Aquela parte da relíquia era bem maior do que havia imaginado, além de um tanto pesada, o que poderia lhe dar problemas na fuga. Invadir a cidade e o castelo havia sido relativamente fácil, mas carregando aquele objeto de ferro, que não teria como não deixar à vista, poderia lhe dar grande desvantagem.

Ela arrancou a armadura da guarda do reino e ficou somente com uma roupa preta e pesada, que a protegia contra a incidência do sol. Foi preparada para entrar e sair justamente no horário de maior fragilidade do reino, quando a estrela iluminava aquelas terras. Por isso, precisava estar preparada para enfrentá-la, já que não podia permitir que lhe tocasse a pele.

Garissa pegou um cinto extra e passou por alguns buracos da relíquia, prendendo-a ao corpo. Não poderia correr o risco de tê-la em sua mão caso precisasse lutar. Ela foi até a janela coberta do salão e puxou um longo capuz para sua cabeça - a hora da fuga havia chegado, - mas não estava nervosa, tinha certeza que conseguiria sair dali da mesma maneira que havia entrado. Talvez não fosse tão fácil, mas ainda assim não acreditava que seria um grande desafio.

A vampira afastou a proteção da janela e a abriu, empoleirando-se nela e colocando levemente a cabeça para fora, observando os arredores. Estava a uma altura considerável do chão. Aquele lado não tinha nenhuma borda, ia diretamente até as casas no meio da cidade, e isso a fez agradecer imensamente por ser uma vampira. Pular de mais de cem metros como se não fosse nada não era para qualquer um.

Para não deixar muitos rastros para trás, ela recolocou a proteção da janela e então se jogou, caindo no meio das casas, que em parte já estavam vazias. Seus moradores estavam trabalhando àquela hora, e assim não a atrapalhariam.

Enquanto caía, sentiu uma sensação estranha e deixou seu instinto guiar seus olhos para cima, para uma das sacadas do castelo, onde encontrou uma figura branca olhando em sua direção. Seus olhos se arregalaram ao se ver observada, não deveria haver ninguém do lado de fora naquele horário.

Para piorar sua situação, via claramente que a vestimenta de quem a observava era requintada, e algo trabalhado daquele jeito não podia pertencer a qualquer um. Uma roupa tão bem feita, acompanhada de um manto negro com tecido lustroso e elegante, somente podia pertencer ao rei.

Assim que seus pés tocaram o chão, ela correu o mais rápido que pôde, e em nenhum momento olhou para trás. Seguiu para a muralha em alta velocidade, observando-a com cautela quando estava próxima o bastante. Precisava analisar a distribuição dos elfos e pensar na melhor estratégia para sair dali.

A priori, sua ideia era se esconder em uma daquelas casas e esperar até a hora da troca dos elfos com os vampiros. Era o momento mais frágil da proteção da

muralha, e a maneira como havia entrado despercebida. Porém, não poderia repetir sua façanha se o rei a tivesse visto. Provavelmente já havia gente à sua procura, e permitir que a encontrassem estava simplesmente fora de questão.

Manteve-se nas sombras enquanto observava a muralha, com sorte havia ido preparada para enfrentar qualquer situação. Pegou a bolsa presa em seu cinto e tirou dela uma bolinha de lama dura do tamanho de seu mindinho, mas que tinha capacidade de fazer um grande estrago.

Com um sorriso no rosto ela observou novamente os arredores da muralha, encontrou uma poça d'água há aproximadamente dez metros dela e fez sua mira. Com seus olhos astutos, soube exatamente onde jogar a bola, avaliando a força correta para que caísse justamente na água. Fez o mesmo com mais três que carregava em sua bolsa.

As bolinhas encontraram a água e cada uma absorveu um pouco, começando a crescer rapidamente. Iam tomando forma à medida que aumentavam de tamanho, e quatro criaturas que se pareciam com ogros de lama começaram a se formar.

Séculos atrás, Garissa começou a caçar monstros de lama no meio do pântano, e, com a ajuda da magia de uma amiga, ela as aprisionava naquelas bolinhas. As criaturas do pântano eram despidas de qualquer forma de sentimento, era como se fossem somente uma casca. Uma que causava destruição ao menor sinal de pessoas.

Assim que estavam com um tamanho grande o bastante para chamar atenção, os elfos se mobilizaram e avançaram em cima deles, mesmo sem entender exatamente o que eram aquelas coisas. Não tinham ideia de como haviam chegado

até ali, mas percebiam nitidamente que as criaturas eram hostis, e, para o espanto de todos, continuaram crescendo até atingir quase o mesmo tamanho da muralha.

Quando as criaturas ganharam forma, duas esferas vazias se formaram no que seria sua face, e o propósito de sua existência as atingiu. Elas tinham que destruir. Eles começaram a balançar os braços em direção às casas, e rapidamente os elfos pularam da muralha e engajaram em um combate contra os quatro seres gigantes.

Garissa viu sua oportunidade de fuga assim que os elfos foram até os gigantes e correu rapidamente, pulando para cima da muralha e depois para o lado de fora. Não tinha tempo para ver se alguém a estava observando ou não. Ela precisava sair dali.

Pulou confiante para o outro lado da muralha, mas assim que seus pés tocaram o chão, uma espada apareceu em seu pescoço, e seus olhos rapidamente encontraram um novo adversário.

Parado à sua frente estava o rei.